

O AMANTE: A PALAVRA RESGATA O PASSADO

Cleone Augusto Rodrigues

JFRJ - Letras

DURAS, Marguerite. *O amante*. Tradução de Aulyde

Soares Rodrigues. Rio de Janeiro,
Nova Fronteira, 1985.

Tentando, na medida do possível, equacionar emoção e razão, vamos entrar no mundo de Marguerite Duras, com seus tons discretos, seu tempo lento, cheio de retrocessos. Aqui, evita-se a corrosão da palavra. Ela pesa, com todo seu peso de realidade e de sonho, de humano em busca do absoluto. É uma palavra que se esgueira para ter passagem com seu valor essencial, e que se complementa de silêncios.

O que esta escritora nos traz não é novo. Tédio, solidão, espera, encontro, morte, a dificuldade de ser, de amar e ser amado. Mas é nova sua expressão.

Na atmosfera asfixiante em que se desenrolam seus romances, inexistente a ação. Existem palavras, diálogos de dois seres que, na tentativa de comunicação, ousam quebrar todas as barreiras para chegar ao ponto extremo, o amor.

Em *O Amante*, romance autobiográfico, Marguerite Duras se coloca sem maiores preâmbulos, situando o momento proposto pelo livro como biografia e como tema: "A história de uma pequena parte da minha juventude, já a escrevi mais ou menos (...) falo aqui daquela mesma parte, a parte da travessia do rio. (...) Antes, falei dos períodos claros, dos que estavam esclarecidos. Aqui falo dos períodos secretos dessa mesma juventude, das coisas que ocultei sobre certos fatos, certos sentimentos, certos acontecimentos."

Prevalece, portanto, neste texto, o tom da narrativa confessional na 1ª pessoa, somado ao da narrativa com discurso indireto. A autora vai contar, enquanto se interroga sobre seu próprio eu, ou/e vai se interrogar sobre seu próprio eu, enquanto conta. E como é um ser relativo, arrasta em seu processo uma série de elementos em torno, fazendo-nos perceber com o mundo que a habita, o mundo que a cerca, a beleza e as limitações dos seres.

Toda esta história surge de um elogio que, já na velhice, recebe de um homem, num confronto de seu rosto de então, devastado, po-

rém ainda mais belo que o da jovem de outrora. E assim começa o retorno, assim, no texto, se refaz a travessia: "tenho quinze anos e meio.

Uma balsa cruza o Mekong."

Como todo leitor obcecado, Duras lê tudo. O mundo inteiro é uma escritura, e, por isso, lê também com interesse o seu rosto, com as marcas dos tempos entre os quais flutua ou se arrasta. Tanto mais que estas marcas significam toda uma sensibilidade e uma volúpia de viver.

Logo se instala o clima de monotonia e de asfixia, típico da obra durasiana: "vivemos numa única estação, quente, monótona, estamos na longa zona tórrida da Terra, sem primavera, sem renovação." Faz-se, desse modo, uma espécie de neutralização de sua primavera, de seus quinze anos, abafados, realmente envelhecidos antes do tempo por uma série de fatores.

Para ela, que estuda no liceu francês e mora num pensionato do Estado, em Saigon, a mãe, diretora da escola para moças em Sadec, sonha com uma licenciatura em matemática. Apenas sonho.

Na leitura do rosto, vai surgindo a história da menina: havia nele um lugar marcado para tudo o que ela viveu na travessia do rio, na travessia da vida: o álcool, o desejo, o prazer. Uma espécie de fatalidade encarnada pelo "rosto visionário".

Sem imagem, sem registro, o absoluto, na travessia do rio, não fotografada, ignorada em seu valor, total naquele momento. Um instante.

Na descrição de si mesma, Duras é o campo vivo de uma dialética entre os sapatos altos de lamé dourado e o chapéu de homem, com abas caídas; aliás, o chapéu contradiz também o corpo franzino. Vestido de seda arroxeadada, bem decotado, sem mangas, surrado, quase transparente, e cinto de couro. É assim que conhece o jovem e rico chinês que será seu amante por um ano e meio, até ela voltar para a França.

O texto tece considerações sobre a mãe, o homem, a menina.

Após um comentário sobre os olhos dela, marcados pelo desejo, surge a afirmação: "Quero escrever. Já disse a minha mãe: o que eu quero é escrever." Pode-se dizer que a literatura aparece aqui com sua função utópica de busca de preenchimento de um desejo sempre renovado, face à realidade precária. "Jamais escrevi, acreditando escrever, jamais amei, acreditando amar, jamais fiz coisa alguma que não fosse esperar diante da porta fechada." E na busca, vida e morte, amor e ódio, sensações e sentimentos, tudo vai-se cristalizando em escrita.

A pesquisa da zona do silêncio, aquela que ainda não se pôde expressar, traz à tona o conflito familiar. Uma carga sensorial fortíssima se impõe na evocação desse passado. A mãe, personalidade complexa e amável, com a marca da loucura; sua pele e seu cheiro, a cor dos olhos, a voz, o riso, os gritos, tudo está registrado para o esquecimento e para o renascimento na palavra.

Numa tarde, o rico chinês busca no pensionato "a pequena prostituta branca". Ela conhece o amor. Gosta. Mas acha que o amante jamais a conhecerá. Quer ser tratada como as outras; ele, por sua vez, a ama loucamente. No entanto, ei-los, ambos terrivelmente sós.

Diferente da mãe, que não conheceu o prazer, ela, sensual, percebe tudo daquele corpo magro, sem força, sem músculos, que lhe ensina a travessia da dor ao êxtase: tem a pele untuosa e dourada, que se confunde à dela, assim como amor e morte se confundem no campo em que os dois se deixam envolver pelos ruídos e pelo cheiro da cidade.

Ela chora, consciente de que envelheceu naquele instante. Ele, sem força para ultrapassar com seu amor o medo inspirado pelo pai. Ela, com medo de ser amada, preferindo confundir-se às outras, ser apenas mais uma, vista como prostituta.

E o texto vai e vem, dá um salto, retrocede, como uma câmera que enfoca o irmão mais velho com sua violência, as dificuldades de uns e outros, os preconceitos de cada grupo social. A cronologia se quebra, e o tempo segue o ritmo das obsessões que dançam numa espécie de caleidoscópio.

A guerra. No seu bojo, a morte do irmão mais novo — amor simbiótico, o horror do mais velho, comparado ao flagelo, com seu caráter destrutivo. É aí que surgem, em episódios distintos, num clima de mistério e poesia, para levar-nos enfim à desilusão, Marie-Claude Carpenter, Betty Fernandez e seu marido, Ramón Fernandez, todos colaboracionistas.

Figura marcante nesta narrativa é a companheira de pensionato, Hélène Lagonelle, beleza espontânea e generosa, que impressiona e encanta Marguerite. Ela desperta o seu desejo, e o desejo de matar, de ofertá-la ao chinês para que sirva de intermediário ao seu próprio prazer. Fusão que, mais uma vez, conduz ao aniquilamento.

Antecipando-se, já aparece o fim. Volta da menina para a França, onde, por uma fidelidade a si mesma, ela passa dois anos sem se aproximar de outro homem.

No entrecruzar-se de vários quadros — retorno do irmão mais velho, escroque, colaboracionista; a noite na estação seca na China; a louca do posto; a dama por quem se suicida um jovem administrador, surge a morte em vários níveis: na imagem (fotografia), que retoca o rosto para a eternidade, no medo do amante de que ela morra, no desejo dela de tornar a mãe feliz antes da morte, e de matar os que fizeram mal àquela mulher de personalidade rica e estranha, no ato de amor, sentido ou premeditado, e na morte física (impotência ou morte propriamente dita), natural ou pelo suicídio.

O amor, com toda sua carga lúdica, deixa um rastro de satisfação e angústia. E volta a necessidade de escrever, com a tentação da morte, sob pretextos diversos.

O "irmãozinho", morto aos 27 anos, é motivo para curiosas considerações sobre a imortalidade, vista como mortal, junto com o corpo.

Na travessia, a expectativa de nova travessia. Liberdade e solidão. O dia marcado para o adeus. Diante desta realidade que se aproxima, a dor muda dele, gritando apenas em doçura e impotência.

Os três apitos da partida do navio, ela, chorando seu choro seco, sem lágrimas, ele, imóvel, arrasado, na limusine preta. E já, entre eles, os mares se impondo.

Travessia, mar, morte. Tanta separação de corpos na terra, de corpos esvaziando-se de sua dor na obscuridade das águas.

E a valsa de Chopin, espalhando-se pelo navio com uma "injunção do céu", que enfim desata o choro da menina e a acorda para uma realidade mais profunda, fazendo-a penetrar em si mesma e admitir a possibilidade de ter amado o homem de Cholen.

Talvez também, pensando nela, num desejo maior, ele tenha gerado o seu herdeiro na moça chinesa, escolhida pelas famílias. Conjecturas.

Mas, anos depois, com tanta vida já vivida, ele vai a Paris com a mulher. No telefone, uma voz trêmula confessa à menina de sapatos de lamé o seu amor de sempre, até a morte.

O livro termina, assim, com uma última tentativa de expressão, apesar da reconhecida insuficiência da linguagem, para uma felicidade verdadeira e durável, segundo a autora.

A vida, com sua densa carga de morte em níveis diversos, se mostra, brilha, canta, chora, volta a cantar, no seu absurdo essencial, envolto pelos códigos sociais, pela disciplina lógica, no texto que se desenrola numa espécie de surdina dursiana, grito abafado que é preciso rasgar, tristeza mansa, loucura contida, estranha alegria de estar vivo e poder fazer-se ainda, buscar-se ainda, ainda mais, revolvendo a terra, um pouco mais, lendo em seu rosto seu coração, seu mundo, obsessivo desejo de ser até a última fagulha.